
CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTA AMÉLIA – UNISECAL

DANIELE APARECIDA DE CAMPOS RIBEIRO

ESPORTE ESPETACULAR:

**Análise da relação entre o jornalismo e o entretenimento no programa
esportivo mais antigo da Rede Globo de Televisão no ar**

DANIELE APARECIDA DE CAMPOS RIBEIRO

**ESPORTE ESPETACULAR:
Análise da relação entre o jornalismo e o entretenimento no programa
esportivo mais antigo da Rede Globo de Televisão no ar**

Artigo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como critério parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social (Jornalismo) do Centro Universitário Santa Amélia - UniSecal.

Orientador: Doutor em Comunicação e Coordenador do Curso de Comunicação Social (Jornalismo), no Centro Universitário Santa Amélia - Unisecal, Helton Costa.

**PONTA GROSSA
2020**

DANIELE APARECIDA DE CAMPOS RIBEIRO

ESPORTE ESPETACULAR:

Análise da relação entre o jornalismo e o entretenimento no programa esportivo mais antigo da Rede Globo de Televisão no ar

Artigo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como critério parcial para obtenção do grau em Comunicação Social (Jornalismo) do Centro Universitário Santa Amélia – UniSecal.

Banca Examinadora:

Prof. Orientador: Dr. Helton Costa
Centro Universitário Santa Amélia - UNISECAL.

Prof. Componente da Banca
Centro Universitário Santa Amélia - UNISECAL.

Prof. Componente da Banca
Centro Universitário Santa Amélia - UNISECAL.

Ponta Grossa, 25 de novembro de 2020

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 JORNALISMO ESPORTIVO	7
2.1 JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL	9
2.1.1 Jornalismo esportivo de TV no Brasil	13
3 ESPORTE ESPETACULAR	18
4 INFOTENIMENTO	21
5 VALOR-NOTÍCIA	22
6 METODOLOGIA	24
7 ANÁLISE	27
7.1 APONTAMENTOS DO PROGRAMA EXIBIDO EM 23 DE AGOSTO	28
7.2 APONTAMENTOS DO PROGRAMA EXIBIDO EM 20 DE SETEMBRO	29
7.3 DADOS	33
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	34
ANEXO A - Tabela de análise das reportagens do GE	39

ESPORTE ESPETACULAR: ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE O JORNALISMO E O ENTRETENIMENTO NO PROGRAMA ESPORTIVO MAIS ANTIGO DA REDE GLOBO DE TELEVISÃO NO AR

RIBEIRO, Daniele Aparecida de Campos ¹ (UniSecal)
COSTA, Helton² (Orientador)

Resumo: Este estudo apresenta uma análise quantitativa dos valores-notícia utilizados nas reportagens do programa Esporte Espetacular da Rede Globo de Televisão. O objetivo é identificar se o conteúdo apresenta mais características jornalísticas ou de entretenimento. Busca-se com seu resultado propor reflexões sobre o exercício do jornalismo esportivo na atualidade, em um cenário que inclui, além da primordialidade de informar, a obrigatoriedade de entreter e a subordinação à fatores econômicos.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo. Infotainment. Entretenimento. Noticiabilidade. Valor-notícia.

SPECTACULAR SPORT: ANALYSIS OF THE RELATIONSHIP BETWEEN JOURNALISM AND ENTERTAINMENT IN THE OLDEST SPORTS PROGRAM OF THE GLOBE TELEVISION NETWORK ON AIR

Abstract: This study presents a quantitative analysis of the news values used in the reports from the Esporte Espetacular program of Rede Globo de Televisão. The goal is to identify whether the content has more journalistic or entertainment features. Its result seeks to propose reflections on the practice of sports journalism today, in a scenario that includes, in addition to the primordiality of informing, the obligation to entertain and the subordination to economic factors.

Keywords: Sports Journalism. Infotainment. Entertainment. Noticiability. News value.

1 INTRODUÇÃO

Para ter audiência e, logo, rentabilidade, os programas de televisão, em sua completude, precisam entreter o público. Assim, os programas de cunho jornalístico, entre eles os esportivos, precisam se adequar à essa necessidade de informar entreterendo, o chamado infotainment. Mas, será que nessa produção que serve aos interesses comerciais da indústria do entretenimento há espaço para o ‘fazer

¹Acadêmica do 8º período do curso de Comunicação Social – com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário Santa Amélia (UniSecal) – daninhasfc@gmail.com

²Doutor em comunicação, professor e coordenador do curso de Comunicação Social – com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário Santa Amélia (UniSecal) – helton.costa@unisecal.edu.br

jornalístico' com tradicionais critérios de noticiabilidade? E nessa coesão entre entretenimento e informação, a segunda, sofre algum detrimento?

Para tentar encontrar essas respostas, foi tomado como estudo de caso o programa dominical Esporte Espetacular, da Rede Globo de Televisão. Descrito pela empresa como uma 'revista eletrônica', trata-se do programa esportivo mais antigo da emissora no ar. Atualmente, o programa vai ar das 9h30 às 12h30, apresentando ao público grandes reportagens, quadros e eventos esportivos.

Para alcançar o objetivo proposto foram analisadas duas edições do Esporte Espetacular, dos dias 23 de agosto de 2020 e 20 de setembro do mesmo ano. As datas foram escolhidas para que houvesse um intervalo de tempo de pelo menos um mês entre uma edição e outra, como forma de assertividade sobre repetição de padrões e estruturas narrativas. Buscou-se então identificar a presença ou ausência de determinados valores-notícia em cada uma das reportagens. Assim torna-se possível verificar se o conteúdo apresentado e a forma de abordagem tendem mais para o jornalismo, respaldados por valores-notícias que denotam preocupação com a qualidade da informação, ou para o entretenimento, com valores-notícia, que remetem, principalmente, à um compromisso com a audiência.

As metodologias usadas serão estudo de caso e análise quantitativa, que serão embasadas em valores-notícia conceituados por diferentes autores, como Nelson Traquina, Nilson Lage, Goldind e Elliott, entre outros. É feito um contexto histórico sobre a origem da especialidade jornalística debatida neste trabalho: a esportiva. De acordo com o Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte (2007, **apud** GURGEL 2009, p.194), trata-se de:

Uma atividade especializada de Jornalismo na qual são transmitidas informações, opiniões (interpretações e críticas) e análises do esporte em qualquer aspecto de sua abrangência sociocultural. O jornalismo esportivo é exercido por jornalistas com conhecimento em esportes em geral ou em aspectos esportivo. (...) A cobertura jornalística esportiva, na sua maioria, é setORIZADA, podendo incidir sobre clubes, modalidades, entidades dirigentes ou outros aspectos esportivos importantes.

Na sequência, será contado como deu-se o surgimento e a evolução da imprensa esportiva no Brasil, e posteriormente, na Televisão. Somente então, começara a análise do conteúdo do programa Esporte Espetacular, que também terá

sua história, iniciada no início da década de 70, lembrada.

2 JORNALISMO ESPORTIVO

Uma especialidade jornalística destinada a tratar de um assunto democrático e de interesse universal: o esporte. Apesar de, enquanto atividade física ou de lazer, ser restrito a uma parte da população, enquanto produto da indústria do entretenimento, ele chega a todos os cantos do mundo, garantindo grandes níveis de audiência e discussões. Para Oselame o esporte encurta diferenças e barreiras “Um iletrado pode comentar com mais propriedade um gol da seleção brasileira [...] do que o maior dos intelectuais. Mais do que isso: os dois podem estabelecer um diálogo sobre o tema em nível de igualdade” (OSELAME, 2012, p. 92).

De acordo com Elias e Dunning (1992, p.157), essa ponte nas relações humanas começou a ser chamada de ‘sport’, na Inglaterra do século XIX, ‘mãe’ de muitas modalidades e termos esportivos hoje conhecidos no mundo todo. Mas, o esporte já conectava as pessoas bem antes disso, como argumenta Alcoba, citado por Oselame. “La cultura de la humanidad se ha constituido (...) por la actividad física de los hombres al permitirles desarrollar grandes traslados, mover pesos, salvar obstáculos” (2005, **apud** OSELAME, 2012, p. 80).

O esporte avançou com a civilização e foi adaptado às diferentes culturas. Mas foi seu conceito inglês, adotado por muitos países, que se popularizou. E foi lá na Inglaterra que surgiram os primeiros registros de uma publicação especializada em jornalismo esportivo. “Datam de 1822, com o surgimento, em Londres, na Inglaterra, do Bell's Life and Sporting Chronicle. De periodicidade irregular, o veículo passaria a ser diário em 1885” (ROCCO JUNIOR, BELMONTE, 2014, p. 3).

Para Fonseca (1997 **apud** GONÇALVES e CAMARGO, 2005, p.6), a história da imprensa esportiva mundial, começa com o jornal francês L'Éclair Sport, criado em 1854. As crônicas, que compunham o estilo principal de escrita, falavam de esportes como caça, turfe, boxe e canoagem. Seu fundador, é considerado o primeiro jornalista esportivo francês, Eugène Chapus.

Nas décadas seguintes o número de jornais especializados cresceram juntamente com a popularidade do esporte na França. No site Gallica é possível encontrar edições digitalizadas de dezenas de representantes do segmento, entre os quais, o próprio *Lê Sport*, que em sua primeira página ilustrada, em 1895, destacava a ascensão do tema. "O esporte, por vezes tanto discutido, como tudo o que se afirma, assume um lugar cada vez mais considerável no final do século." (GALLICA, s/a, online, tradução nossa)³. No mesmo ano, surgiu na Itália, *La Gazzetta dello Sport*, principal e ainda ativo jornal esportivo do país.

Em 1896, a França presenciou outro momento de grande importância na história do esporte, quando o aristocrata e pedagogo suíço Pierre de Coubertin deu início à renovação dos Jogos Olímpicos, fazendo com que o esporte passasse a se expressar na "competição entre performances atléticas e de resultados, submetido a regras fixas. É a consolidação entre a tradição oriunda da Grécia Antiga e a espetacularização do esporte" (TAMBUCCI, 2010, p. 30).

França (2006, p.28), destaca que os Jogos Olímpicos da Era Moderna implantados por Coubertain trouxeram uma "nova valorização para o esporte", que por muito tempo foi visto com preconceito, algo destinado às classes mais pobres. Outro ponto que até hoje interfere na produção do jornalismo esportivo, e que, de acordo com Tambucci (1997, **apud** FRANÇA, 2006, p.28), também teve início nesse momento, foi a ligação dos jogos com o patrocínio e o uso da imagem do esportista. Isso porque, sem recursos financeiros para bancar os Jogos de Atenas de 1896, Coubertain teria pedido ajuda à Georgeous Averoff, um rico arquiteto que garantiu a realização dos jogos.

No início do século XX, a criação de aparelhos de comunicação de massa transmitindo não apenas informações à respeito dos jogos esportivos, mas os próprios eventos, foram marcos importantes. No rádio, a norte-americana KDK foi pioneira ao transmitir a luta de boxe entre os lutadores pesos-pesados Jack Dempsey e Joe Carpentier, em 1921 (GURGEL, 2009 p.197).

³ "Le Sport, tant discuté parfois, comme tout ce qui s'affirme, prend une place de plus en plus considérable encettefin de siècle".

Na TV, os Jogos Olímpicos de Berlim, de 1936, foram os primeiros televisionados, passando localmente em telões espalhados pela cidade (Bezerra, 2008, p. 76). Para Rubio (2010, p. 61), os Jogos da XI Olimpíadas foram “os mais discutidos e analisados da história do Movimento Olímpico contemporâneo”. Para a Alemanha nazista, o evento tornou-se um meio de publicidade.

Acorreram a Berlim aproximadamente três mil jornalistas. Fosse pelo crescente interesse acerca do esporte ou por causa da curiosidade com o que ocorria naqueles dias na Alemanha, os profissionais da imprensa realizaram uma grande cobertura do evento, sendo recepcionados pessoalmente por Joseph Goebbels, o responsável pela área de comunicação e divulgação nazista (LÓPEZ, 1992, **apud** RUBIO, 2010, p. 61).

Com a Segunda Guerra Mundial as olimpíadas tiveram duas edições suspensas, em 40 e 44. No retorno, em 48, com a tecnologia televisiva avançada, os Jogos de Londres foram os primeiros transmitidos ao vivo, pela BBC. “Já na década de 50, os eventos esportivos tornaram-se parte da programação regular das redes de TV. Nesta mesma década a televisão chega ao Brasil” (BEZERRA, 2008, p. 76).

2.1 JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

De acordo com Juarez Bahia (1990, **apud** BEZERRA, 2008 p.36) a história do jornalismo esportivo brasileiro teve início com o jornal O Atleta, de 1856, que “difundia ensinamentos para o aprimoramento físico dos habitantes do Rio de Janeiro”. Na época, o esporte era um lazer restrito às elites, entre as modalidades mais praticadas destacavam-se o remo, turfe e ciclismo.

Quatro décadas mais tarde, Charles Muller, brasileiro filho de pais ingleses, voltou da Inglaterra - onde passou um período estudando - carregando duas bolas de futebol, esporte que apresentou à elite paulista. Segunda relata Bezerra (2008, p.20), a primeira partida organizada pelo jovem aconteceu em 1899, um confronto entre os funcionários da ferrovia São Paulo Railway e de uma Companhia de Gás pública. Pouco a pouco o esporte foi se expandindo nas comunidades de imigrantes europeus, entrando nas escolas tradicionais, nos clubes ingleses e na cultura da classe operária,

principalmente dos trabalhadores das estradas de ferro, responsáveis por criar a várzea. Timidamente, a imprensa acompanhava os acontecimentos futebolísticos como o primeiro amistoso interestadual realizado em 27 de outubro de 1901 com equipes de São Paulo e Rio de Janeiro se enfrentando. De acordo com Ribeiro (2007, **apud** BEZERRA, 2008, p.21), o repórter e amigo de Muller, Mário Cardin, do jornal A Província de São Paulo, hoje O Estado de S.Paulo, estava lá e produziu a primeira reportagem descritiva de uma partida de futebol. “Cardim escreveu sobre os dois empates ocorridos no campo [...] Falou da presença de distintas famílias e enalteceu a qualidade técnica dos jogadores carioca”.

Um ano mais tarde o mesmo jornal registrou a disputa do primeiro Campeonato Paulista de futebol, que teve como campeão a equipe de origem britânica do São Paulo Athletic Club, o SPAC (ROCCO JUNIOR e BELMONTE, 2014, p.4). O surgimento da Liga Paulista ajudou a popularizar o esporte, mas ainda assim o espaço que a editoria ocupava nos jornais era mínima como destaca o jornalista Paulo Vinícius Coelho.

Nos primeiros anos de cobertura esportiva era assim. Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas do jornal. Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? (COELHO, 2018, p. 7-8).

Ainda no início do século XX, páginas também eram dedicadas ao esporte no jornal Fanfulha, dirigido à colônia italiana em São Paulo, como relembra Coelho. “Um aviso não muito pretensioso de uma das edições chamava-os a fundar um clube de futebol. Foi assim que nasceu o Palestra Itália, que se tornaria Palmeiras décadas mais tarde” (COELHO, 2018, p.8). O acervo do jornal que apresentava a ficha completa dos jogos é hoje uma fonte de material para pesquisas sobre os primeiros anos do clube palestrino e de outros grandes como Corinthians e Santos.

Faz-se necessário remeter à história do futebol para falar do jornalismo esportivo no Brasil porque essa é uma relação de dependência em que um foi

propulsor do outro. À medida que o interesse da população pelo futebol crescia, os principais jornais do país se viam na obrigação de abrir alas para o tema. Em 1919, por exemplo, os jornais cariocas noticiaram a inauguração do estádio do Fluminense Football Club, popularmente conhecido como ‘estádio das laranjeiras’, berço do futebol brasileiro. O jogo de estreia foi Brasil e Chile, pelo Campeonato Sul-Americano de Futebol. Na obra *Jornalismo Esportivo*, Coelho apresenta alguns recortes de jornais cariocas, encontrados pelo jornalista João Marcos Weguelin, como o do Rio Jornal, em 11 de maio.

Iniciou-se hoje, às 15 ½ horas, sob os melhores auspícios, o sensacional Terceiro Campeonato Sul-Americano de Football. Fazendo coincidir com esta temporada de “matches” internacionais, a festa de hoje teve ainda o seu brilho aumentado pela inauguração do stadium do Fluminense Football Club, o glorioso campeão tricolor brasileiro. A cerimônia de inauguração do stadium consistiu juntamente na inauguração do “match” internacional para o qual foi construído o soberbo campo (COELHO, 2018, p.12.).

A Seleção Brasileira sagrou-se campeã do torneio, e o primeiro título fez aumentar ainda mais o interesse da população pelo esporte. Na década seguinte, outro acontecimento histórico contribuiu para a expansão do futebol. O Clube de Regatas Vasco da Gama abriu as portas para jogadores pobres, analfabetos e negros. Uma revolução que começou a tornar o esporte, antes elitista, popular.

Em 1931, o Rio de Janeiro ganhou seu primeiro jornal exclusivamente esportivo: o *Jornal dos Sports*, que por causa da cor de suas páginas, ficou conhecido como o ‘cor-de-rosa’. Coelho (2018, p.9) destaca que antes disso, já existia *A Gazeta Esportiva*, porém, era como um suplemento do jornal *A Gazeta*, “só se tornando um diário esportivo em 1947”. Na sequência, o futebol passou por um período conturbado, o da profissionalização, iniciado em 1933. A mudança dividia opiniões tanto em São Paulo como no Rio, e a briga política só teve trégua em 1937.

A profissionalização levou o futebol a um novo patamar, marco também para o jornalismo esportivo, até então visto como “uma especialidade menos relevante dentro do jornalismo [...] e atraía profissionais com menos habilidades e ambições que os redatores políticos e/ou literários” (STYCER, 2007, p. 4). Em sua pesquisa *Jornalismo*

Esportivo: 110 Anos Sob Pressão, Stycer, reúne relatos que remetem a esse começo. De acordo com as fontes, os profissionais trabalham praticamente de graça, eram despreparados, e alheios a padrões éticos, com denúncias até de invenção de entrevistas.

A partir dos anos 40, esse cenário começa a ser transformado tecnicamente. “Se o futebol brasileiro tornava-se profissional, a imprensa esportiva também estava no mesmo caminho, uma nova profissão estava nascendo e o jornalista esportivo passaria a fazer parte do dia a dia das redações” (BEZERRA, 2008, p. 34).

Nesse processo, é importante destacar o principal veículo de comunicação de massa da época, fundamental para a disseminação da paixão pelo futebol além do eixo Rio-São Paulo. “O papel do rádio nesse processo é inquestionável, já que ele permitiu a uniformização da informação, em um país com alto nível de analfabetismo” (GURGEL, 2009, p. 198). Em 1936, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro criou o primeiro programa esportivo, “No mundo da Bola”. Para Gurgel, essa programação pioneira da Nacional, e que depois se espalhou por outros veículos, explica o porquê os times cariocas têm tantos torcedores espalhados pelo país. O futebol ganhava força no rádio e com a assinatura de um decreto em 1932, no governo de Getúlio Vargas, permitindo a veiculação de publicidade na programação, os empresários do ramo passaram a investir ainda mais no esporte de massa.

Paralelo ao crescimento da programação esportiva no rádio, a mídia impressa também teve muitos jornais e revistas surgindo a partir da década de 40. Entre muitos nomes que surgiram nessa fase, destaca-se, o de Mario Rodrigues Filho, principal referência do jornalismo esportivo brasileiro, apontado pelo irmão mais novo, Nelson Rodrigues, como inventor da crônica esportiva moderna (CAPRARO, 2011, p. 8). Mario começou trabalhando em jornais da família, passou pelo O Globo, fundou o Mundo Esportivo em 1931, que não teve sucesso, mas originou o desfile das escolas de Samba do Rio de Janeiro, uma ideia encontrada para preencher o jornal no início do ano, quando havia poucas competições esportivas. Em 36, o jornalista comprou o Jornal dos Sports, onde atuou até o fim da vida.

Com simplicidade, Mario rompeu com o modelo antigo de escrever sobre esportes, “dir-se-ia um novo idioma atirado na cara do leitor. O público todo teria o direito de perguntar: - “Mas que língua é essa?”” (RODRIGUES, 1994, **apud**

CAPRARO, 2011, p. 5). Mudou a estrutura dos jornais, sendo um dos primeiros a conseguir levar o esporte para um lugar de destaque.

Capraro (2011, p.10) aponta que Mario foi o “o primeiro a prosperar editando um diário exclusivamente direcionado aos esportes”, uma mudança que se refletiria no status e nas condições de trabalho de colegas de editoria. Antes da Copa de 50 no Brasil, o jornalista promoveu uma campanha nas páginas do Jornal dos Sports em apoio a construção de um estádio de futebol na Tijuca. O projeto seguiu, e após sua morte, o então Estádio Municipal do Rio de Janeiro, o Maracanã, passou a levar seu nome, Estádio Municipal Mario Rodrigues Filho.

Para Oselame e Costa (2012, p.6), as crônicas no estilo dos irmãos Mario e Nelson Rodrigues marcaram a primeira de três fases do desenvolvimento do jornalismo esportivo: a do romance, contabilizada dos primórdios da imprensa esportiva até 1980. Nesse espaço de tempo o estilo consagrou-se nos periódicos e revistas que surgiram como a Gazeta Esportiva Ilustrada, ativa de 1953 até 1967 em São Paulo, e as cariocas Manchete Esportiva, que circulou de 1955 até 1959, e a ainda ativa Lance, criada em 1970.

Coelho (2018, p.19) destaca que a “imprecisão diminuiu bastante nas páginas dos anos 1970 em diante, graças ao compromisso da imprensa em contar a verdade”. A retomada da precisão das informações e a objetividade são as principais características da segunda fase do jornalismo esportivo, a da realidade, nas décadas de 80 e 90. A terceira fase, apontadas por Oselame e Costa (2012, p.6), ainda em curso atualmente, é a da informação-entretenimento, que acompanha a espetacularização do esporte.

A grande responsável pela transformação na comunicação esportiva, dando ao esporte ares de espetáculo, foi a Televisão, como explica Gurgel (2009, p.199,). “A partir da ascensão da TV que tudo muda na relação do jornalismo com o esporte e, até, na forma como os torcedores apreciam suas modalidades e times preferidos”. Mas essa história será contada com mais detalhes no próximo tópico.

2.1.1 Jornalismo esportivo de TV no Brasil

Há 70 anos, precisamente em 18 de setembro de 1950, entrava no ar a emissora de TV pioneira na América do Sul, a PRF-3 TV Difusora, depois TV Tupi de São Paulo. O responsável pela criação do canal foi Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, que já era proprietário de um aglomerado de jornais, revistas e emissoras de rádios, os Diários Associados. O empresário importou equipamentos e trouxe também técnicos norte-americanos para implantar a TV no Brasil.

Para que mais pessoas pudessem acompanhar o acontecimento inédito, Chateaubriand espalhou 200 aparelhos de TV pela cidade de São Paulo. E a história do eletrodoméstico revolucionário começou com o programa TV Taba, que por cerca de 2h apresentou aos telespectadores um show com artistas como Lima Duarte, Mazzaropi, Hebe Camargo, entre outros. O jornalismo também esteve presente desde o começo com Imagens do Dia, primeiro telejornal do país que estreou um dia depois da inauguração da TV.

De acordo com Vasconcelos (2019, p.20) o esporte começa a ganhar espaço na emissora de TV ainda no primeiro mês com a transmissão de uma partida de futebol entre Palmeiras e São Paulo. Assim como aconteceu com outros estilos de programas da TV, o esporte também importou profissionais do rádio para as equipes, fazendo com que muitos deles fossem desmistificados, já que o telespectador podia acompanhar o lance como, de fato, ele ocorrera.

Na década de 50 outras emissoras de TV surgiram no país, entre as quais a TV Tupi do Rio de Janeiro, TV Paulista, Itacolomi, Excelsior e Record. Os programas esportivos estavam em todas as emissoras, como o Resenha Esportiva, na TV Tupi Rio, Bate Bola, na Tupi São Paulo, e Tempo de Esportes, na Record, que inovou nas transmissões de futebol ao incluir o repórter de campo, aumentar a quantidade de câmeras, e contar com comentaristas consagrados no meio esportivo. (VASCONCELLOS, 2019, p.21).

Com a produção nacional de televisores o aparelho foi se tornando mais acessível e se espalhando pelo país. Para Paternostro (1999, p.30) os anos 60 consolidam a TV no Brasil. “Na disputa pelas verbas publicitárias, ela assume, definitivamente, o seu caráter comercial: começa a briga pela audiência”. Mas, diferentemente do que se vê atualmente, os canais existentes viviam em situação de concorrência, com pequenas vantagens nos números de audiência. (REIMÃO, 2006,

p. 24).

Em 63 o país ganhou seu primeiro programa esportivo de mesa-redonda, Grande Resenha Fácit, transmitido pela TV Rio. O time que entrava no ar todo domingo a noite, tinha Armando Nogueira, João Saldanha, José Maria Scassa, Nelson Rodrigues, Vitorino Vieira e Luiz Mendes. O programa era um campo de discussão sobre o desempenho dos times cariocas, com piadas, provocações e paixão pelos times do coração.

Certo dia, num jogo entre o Botafogo e o Fluminense, Nelson Rodrigues teimou em afirmar que o juiz Airton Viera de Moraes estava certo em não marcar um pênalti contra o time tricolor. O apresentador Luiz Mendes pediu, então, para rodar o VT da partida, e a imagem comprovava que o pênalti havia sido cometido contra o Fluminense. A resposta de Nelson se tornou célebre: “Se o vídeo diz que foi pênalti, pior para o videoteipe. O videoteipe é burro. (GLOBO, s/a, online)

A atração, que abriu o caminho para uma série de outros no mesmo estilo, foi comprada pelo Globo, onde ficou no ar até 1971.

De acordo com pesquisas feitas por Vasconcelos, na década de 70 a programação esportiva ganhou muitos programas no estilo de mesa-redonda, como o Bate-Bola, na TV Globo-RJ; Bola na Mesa na TV Bandeirantes-SP; Futebol é com Onze, TV Gazeta-SP, entre outros. “Ao mesmo tempo, a TV registrou uma série de avanços técnicos, que lhe deram uma nova caracterização e a transformaram na principal mídia brasileira.” (VASCONCELLOS, 2019, p.26).

Na Copa do Mundo do México, em 1970, duas novidades: um mundial de futebol ao vivo e em cores. “A notícia de que os jogos seriam exibidos ao vivo [...] provocou uma corrida às lojas de eletrodomésticos, que venderam milhares de televisores nos meses que antecederam a Copa.” (GLOBO, s/a, on-line). Como a tecnologia que gerava a imagem colorida ainda estava em testes, grande parte da população viu o Brasil conquistar o tricampeonato em preto e branco, mas com direito a replay e câmera lenta. Três canais transmitiram o torneio, TV Tupi, Globo e Record. (Vasconcelos, 2019, p.26)

Para Temer e Monteiro (2006, p.67) a década de 70 também foi marcada pela consolidação da hegemonia da Globo - fundada em abril de 1965 pelo jornalista e empresário Roberto Marinho - como maior rede do país. “A Globo vai tornando-se cada vez mais rentável e investiu em melhorias técnicas consideráveis, elevando a televisão brasileira a um nível somente comparável a alguns poucos países de primeiro mundo”.

Nesse período a emissora lançou o programa Globo Esporte, fundado em agosto de 1978. No início, o foco era apenas a cobertura de campeonatos estaduais e nacionais de futebol. “Mas, já no primeiro ano, apresentava também reportagens sobre motociclismo, tênis, boxe, natação, basquete, entre outras modalidades esportivas.” (GLOBO, s/a, on-line). O programa segue ativo, sendo transmitido de segunda à sábado, às 12h50, com produções estaduais das emissoras afiliadas.

Nos anos 80 a emissora já detinha direitos exclusivos de transmissão de eventos esportivos como Copa do Mundo e Jogos Olímpicos. Estratégia de alto custo justificada “pela enorme audiência que eles são capazes de atrair – e, conseqüentemente, pelo seu potencial de captação de milionários patrocínios para as emissoras”. (OSELAME e COSTA, 2012, p.3). Mesmo sem conseguir transmitir os principais eventos, emissoras concorrentes se dedicavam à programação esportiva, com destaque para a TV Bandeirantes que criou o Show do Esporte. A atração, que em sua primeira versão ficou no ar de 1983 até 2004, era uma espécie de maratona esportiva.

“Eram dez horas aos domingos, seis horas aos sábados e duas horas de segunda a sexta-feira – nas quais se veiculavam jogos de futebol, basquete, vôlei e tênis, além de noticiários. Comandando tudo, estava o apresentador e locutor Luciano do Valle”. (VASCONCELOS, 2019, p. 27-28)

A forte segmentação da Band antecipou um movimento que ganharia força com a chegada das TVs a cabo. A precursora foi o Canal +, que em 1989 reproduzia a programação da ESPN norte-americana. A Globo entrou na briga lançando em 1991 o Top Sports, que passaria a se chamar SporTV. “Em 1995, nasceu a ESPN Brasil, primeira filial da ESPN fora dos Estados Unidos”. (VASCONCELOS, 2019, p.21).

SporTV e ESPN permanecem ativos, disputando espaço com outros canais como o Premiere - também do Grupo Globo - e Fox Sports.

Nos anos 80 os brasileiros tiveram acesso a novos aparatos tecnológicos como o videocassete, câmeras portáteis, walkman e videogames mais modernos. As antenas parabólicas, juntamente com a TV a cabo “diluíram o poder das corporações pioneiras, amplificaram a quantidade de assuntos, fragmentaram as audiências e provocaram um consumo segmentado.” (VASCONCELOS, 2019, p.39)

Com a chegada da internet nos anos 90 e sua popularização nos anos 2000, os demais meios de comunicação precisaram se reinventar. O jornalismo esportivo na TV também passou por essa transformação, entrando na era da informação-entretenimento. “O objetivo já não era buscar, apurar e divulgar as informações, mas divertir, distrair e entreter o telespectador” (OSELAME E COSTA, 2012, p.5).

Nesse processo de adaptação, Vasconcelos (2019, p.14) aponta que a relação com o público também precisou ser renegociada. Agora, o telespectador não é mais apenas um receptor, mas é convidado a interagir, opinar, produzir conteúdo. E as mídias clássicas precisaram adotar um caráter transmídia, que permite a geração de conteúdos associados por meio de diferentes plataformas.

Se a crônica do jogo de futebol ainda ocupa as páginas dos periódicos impressos, agora ela ganha o reforço de uma cobertura em tempo real, durante a partida, via Twitter ou Facebook. Ao mesmo tempo em que participam dos programas vespertinos, os repórteres de rádio alimentam os sites das emissoras com informações adicionais sobre a rotina dos clubes. Além da habitual transmissão esportiva na TV, utiliza-se o Instagram para registrar a chegada das torcidas e o clima nas arenas. (VASCONCELOS, 2019, p.35).

Mesmo diante da expansão do acesso à internet no Brasil, a TV mantém sua força. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 96,4% dos lares no país possuíam pelo menos uma TV em 2018, enquanto a Internet era utilizada em 79,1% dos domicílios. (IBGE, 2020, on-line). Como meio dominante, a TV contribui para a popularização de modalidades esportivas e promoção de ídolos, agenda e

espetaculariza eventos que por vezes precisaram adequar horários e até regras para se encaixar nas transmissões, e pauta outros meios que precisam falar do que ela transmite. Por outro lado, o esporte garante audiência e conseqüentemente patrocinadores.

3 ESPORTE ESPETACULAR

Em 08 de dezembro de 1973 foi ao ar pela primeira vez o Esporte Espetacular, com o objetivo de abrir espaço para diferentes modalidades esportivas, em um momento em que os programas do segmento destacavam apenas o futebol. “O surgimento do Esporte Espetacular cristalizou o novo formato modificando as perspectivas do jornalismo televisivo” (SILVA, 2005, p1).

Nos primeiros anos a atração apenas retransmitia conteúdos do programa norte-americano *Wide World of Sports*, da rede ABC. Na grade, esportes inusitados como campeonatos de queda de braço, corridas de arrancadas e de demolição - em que os participantes batem os veículos uns contra os outros -, rodeios e torneios de serrar toras de madeira. “Em algumas transmissões, era mantida, ao fundo da fala do apresentador, a locução em inglês do narrador original” (GLOBO, s/a, on-line). Na bancada, Léo Batista apresentava o programa das tardes de sábado usando terno, gravata e uma linguagem formal.

Três anos depois da estreia o programa começou a abrir espaço para competições de modalidades esportivas mais próximas da cultura brasileira, e com a ajuda da Globo Internacional passou a cobrir eventos como corridas de Fórmula 1 e lutas de boxe. Em 76, o Esporte Espetacular foi transferido para as manhãs de domingo, passando a adotar o estilo de revista eletrônica, uma proposta semelhante ao que era apresentado por outro programa da casa que surgiu na mesma época, o Fantástico, porém com foco no mundo dos esportes.

Na década seguinte, Fernando Vanucci, que narrava os vídeos da ABC nos primeiros anos do programa, passou a revezar a apresentação com Léo Batista. As transmissões ao vivo de competições como campeonatos de vôlei, natação, futsal, windsurfe e futebol marcaram os anos 80.

A atração chegou a ser removida da grade da emissora por quatro anos, de 1983 a 1987. Quando retornou a aposta foi na variedade, esportes populares, radicais e outros pouco conhecidos no país como polo, corrida de motonáutica e rally equestre apareceram no programa. Em maio de 1989, a então repórter Isabela Iscalabrini tornou-se a primeira mulher a apresentar um programa esportivo na emissora, dividindo a tarefa com o remanescentes Léo Batista.

Quadros de humor fizeram sucesso nos anos 90, quase sempre com a participação de Vanucci, como na paródia de “Você Decide”, em que ele imitava o ator Antônio Fagundes, apresentador da série que simulava casos sociais polêmicos e deixava o desfecho final nas mãos do telespectador. Nesse caso, o público era convidado a opinar sobre lances esportivos.

As séries de reportagens, hoje marca registrada do programa, ganharam força a partir dos anos 2000. O repórter Clayton Conservani protagonizou duas em que mergulhou no mundo dos esportes radicais, “Rumo Ao Continente Gelado”, em que passou 45 dias explorando a Antártida, e “Esporte Extremo”, em que gravou 20 episódios com desafios em modalidades como rapel, rafting e corridas de aventura.

Em 2009, o repórter gaúcho Régis Rösing se destacou com a série “Esporte e Guerra”, que visitou países de extrema pobreza e que foram marcados por guerras civis, Ruanda, Guiné Bissau e Haiti. Os trabalhos trouxeram reconhecimento, a Ordem do Mérito Militar – Grau Cavaleiro, mais alta condecoração do Exército e do governo por serviços prestados à nação, e a Medalha Missão de Paz – Batalhão de Suez, da Organização das Nações Unidas (ONU).

Muitos quadros fizeram marcar a história do programa como “Na estrada com Galvão”, “Um Repórter por aí”, “Quem foi o melhor?”, “Super-humanos”, “Expedição Brasil”, “Régistrando o Brasil” e “Mamãe Gentil”. Alguns como “EE de Bolsa” e “Bolsa Redonda”, buscavam cativar o público feminino, isso por meio de humor e amenidades.

No que se refere ao espaço de fala das mulheres, a série “Mulheres Espetaculares”, apresentada pela jornalista Juliana Sana, colocou a mulher esportista, profissional ou amadora, em outro patamar. Nas quatro temporadas que foram ao ar entre 2014 e 2017, a repórter vivenciava o dia a dia das personagens e emergia junto em um desafio, apresentando um jornalismo com profundidade

Uma das mulheres que mais apareceu nos quase cinquenta anos de 'EE', foi a ex-campeã brasileira de body-boarding Glenda Kozlowski, que assumiu a apresentação em 2001, ao lado de Tino Marcos, saiu em 2005 e retornou em 2010 dividindo o estúdio, desta vez, com Luís Ernesto Lacombe e Luciana Ávila. Quando se despediu definitivamente em 2016, dividia a apresentação com Ivan Moré, sendo os dois substituídos por Fernanda Gentil e Alex Escobar.

Atualmente, Bárbara Coelho e Lucas Gutierrez são os âncoras do programa que apenas na equipe técnica - sem somar com as equipes de reportagem - conta com 74 pessoas, entre assistentes, produtores e diretores. No estúdio moderno os apresentadores, que trajam roupas no estilo esporte fino e passam maior parte do tempo em pé, interagem com imagens em 3D e fazem breves comentários.

O editor-chefe é José Emílio Aguiar, que em um webdocumentário sobre os bastidores do programa afirma que o objetivo é “fazer pauta com cunho social, que tragam uma transformação na vida das pessoas” (GLOBO, s/a, on-line). Para Emílio o programa tem uma marca visual que é reconhecível. “É possível reparar que aquilo é uma edição do Esporte Espetacular.” (Globo, s/a, on-line). Com imagens com a qualidade padrão Globo, efeitos gráficos, trilhas que colaboram para a emoção do público, tempo para produção favorável quando comparado com programas diários, textos que detalham e valorizam os personagens, o programa torna-se um lugar de encontro de grandes reportagens. Tem entrevistas, histórias de atletas, competições ao vivo, bastidores, resultados, aventuras, novidades do mundo do esporte, etc.

Por toda história construída o Esporte Espetacular é uma referência para todos os outros do mesmo segmento. Nas palavras do jornalista Felipe Andreolli, “é o maior programa de esportes que a gente tem no Brasil.” (GLOBO, s/a, on-line). Dessa forma, observar que conteúdos a atração está transmitindo e como está sendo produzido, torna-se uma escola para a concorrência e para profissionais, ou futuros profissionais.

Apresentado o caso de estudo desta pesquisa, um programa que é uma fonte de informação sobre os principais acontecimentos relacionados ao esporte, e que, está inserido em um veículo que tem sua essência ligada ao entretenimento, o próximo passo será entender um pouco mais sobre essa mistura, conceituada por alguns autores como infotainment.

4 INFOTENIMENTO

Em meados dos anos 90, Marfuz já apontava que o imbricamento entre jornalismo e entretenimento era “uma tendência geral do telejornalismo” (1995 **apud** SILVA, 2005, p.5). Na editoria esportiva, essa é uma realidade cada vez mais presente.

Trata-se de um processo resultante da absorção do jornalismo pela indústria do entretenimento (e a conseqüente disputa por audiência) e da espetacularização do esporte, potencializada pelo fortalecimento dos recursos visuais na televisão (e posteriormente na Internet). (PADEIRO, 2015, p.166)

Dessa fusão resultou o neologismo infotenimento, que de acordo Aguiar, é usado para “designar a hibridização do ideal moderno do jornalismo – informar aos cidadãos – com uma das principais características da cultura de massa: a competência para entreter, distrair, divertir” (AGUIAR, 2008, p. 15). Já Dejavite trata como “especificidade do jornalismo de conteúdo estritamente editorial voltado à informação e ao entretenimento (matérias jornalísticas), tais como: comportamento, hobbies, esporte, moda, celebridades” (2003 **apud** Padeiro, 2014, p.149).

Seja na abordagem e produção, com recursos eficientes para entreter, ou na temática escolhida, a prática do entretenimento no jornalismo, divide opiniões. Dejavite defende essa relação trabalhada com responsabilidade. “Info é interesse público, e o entretenimento é interesse do público. Temos de buscar o equilíbrio.” (2003 **apud** Padeiro, 2014, p.150). Golding e Elliott também consideram a necessidade de se pensar em como entreter.

Para informar um público, é necessário ter atraído sua atenção, pois não há muita utilidade em fazer um tipo de jornalismo aprofundado e cuidadoso se a audiência manifesta o seu aborrecimento mudando de canal. Desse modo, a capacidade de entreter situa-se em uma posição elevada na lista dos valores-notícia, seja como fim em si mesma, seja como instrumento para concretizar outros ideais jornalísticos. (GOLDING e ELLIOTT, 1979 **apud** AGUIAR e SCHAUN, 2016, p.30)

Já para Oselame e Finger a necessidade de entreter é prejudicial ao jornalismo, “é como se os “óculos” do jornalista ficassem “embaçados”, impedindo o profissional de avaliar os fatos corretamente.” Elas apontam ainda que na contemporaneidade “o objetivo já não é apurar e divulgar as notícias de acordo com os critérios de noticiabilidade, mas sim entreter o telespectador e angariar bons números de audiência” (OSELAME e FINGER, 2014, p. 460-464). Mesma crítica feita por Padeiro. “Obsessão pelo divertido, pelo exagero para atrair o telespectador, pelos faits divers, em busca dos melhores índices de audiência, fragilizam o papel do jornalismo no desenvolvimento do esporte nacional. (PADEIRO, 2015, p.178)

Certamente, que essa discussão à respeito do infotimento, nas mais diversas especializações jornalísticas, ainda será muito debatida nos próximos anos. Assim, busca-se contribuir para essa reflexão analisando como se dá essa relação no programa Esporte Espetacular.

5 VALOR-NOTÍCIA

Com milhares de eventos acontecendo simultaneamente no mundo, os jornalistas utilizam-se de critérios de noticiabilidade para selecionar o que se tornará ou não notícia. Traquina conceitua noticiabilidade como o “conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia.” (TRAQUINA, 2005, p.63). Já para Silva (2005, p.96), o termo comporta “todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia.” No livro Teorias da Comunicação, Wolf também discorre sobre esses fatores.

Pode também dizer-se que a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias. (WOLF, 2006, p.83)

Entre esses critérios de noticiabilidade estão os valores-notícia, definidos por Aguiar como “qualidades dos acontecimentos que produzem as condições de possibilidades para que sejam transformados e contidos em um produto informativo”. (2018, p.6). Afirmação semelhante à de Elliott e Golding, citados por Wolf.

Os valores/notícia são qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou cuja ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são as suas possibilidades de ser incluído. (GOLDING e ELLIOTT, 1979 **apud** WOLF, 2006, p. 87)

Silva (2005) aponta que os valores são como um mapa que orienta o trabalho do jornalista. Para ela, os valores agem em todas as etapas de produção de informação. Na seleção primária dos fatos, e depois, juntamente com outros critérios como linha editorial, custo, etc., na produção e hierarquização do conteúdo. Visão semelhante a de Wolf. “Não estão presentes apenas na selecção das notícias, participam também nas operações posteriores, embora com um relevo diferente”. (WOLF, 2006, p.85)

Diferentes pesquisadores já se prestaram a observar os critérios de noticiabilidade e organizá-los. Apesar de alguns valores aparecem em diversas pesquisas, de tempos, lugares e com análises de meios diferentes, alguns se alteram, isso porque os valores não são imutáveis.

“Embora revelem uma forte homogeneidade no interior da cultura profissional - para lá de divisões ideológicas, de geração, de meio de expressão, etc. -, não permanecem sempre os mesmos. Isso manifesta-se claramente na especialização temática que, num determinado período histórico, os meios de informação conferem a si próprios. Assuntos que, há alguns anos, simplesmente não existiam, constituem actualmente, de uma forma geral, notícia, demonstrando a extensão gradual do número e do tipo de temas considerados noticiáveis. (WOLF, 2006, p.86)

Explicado o que são os valores-notícia, no próximo tópico serão apresentados quais deles serão utilizados na análise proposta para esta pesquisa. Ressalta-se que

“o jornalismo esportivo é uma atividade segmentada realizada dentro de um contexto maior, que é o jornalismo como um todo. Portanto os princípios e regras deveriam ser os mesmos do jornalismo em geral.”(BEZERRA, 2008, 89).

6 METODOLOGIA

Para o presente estudo de caso foram analisados duas edições da atração, apresentadas em 23 de agosto de 2020 e 20 de setembro do mesmo ano, ou seja, com espaço de um mês entre uma e outra. Os programas podem ser acessos pelo link <https://globoplay.globo.com/esporte-espetacular/>. Não é preciso ser assinante, mas o site pede que o visitante faça um cadastro para poder assistir na íntegra o conteúdo.

Optou-se por analisar somente os conteúdos entendidos como reportagem, gênero que nasceu no início do século XX, como “ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual” (LIMA, 2009 **apud** SILVA E KÜNCH, 2015, p.23). Para José Marques de Melo, “a reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística”, diferentemente da notícia, definida por ele como um “relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social” (MARQUES DE MELO, 2003 **apud** TRESKA, 2007, p.2). Dessa forma, gols da rodada, quadros de curta duração - com menos de três minutos - e pouca profundidade, bem como eventos esportivos transmitidos ao vivo, não serão analisados.

Todas as reportagens dos dois programas foram estudadas, sendo observados quais valores-notícia mais se destacaram nas reportagens. Esses valores foram tabelados e posteriormente entraram em uma análise quantitativa. Como informações complementares, na mesma análise foi possível perceber também qual esporte recebeu maior atenção no noticiário do Esporte Espetacular e se a emissora privilegiou mais a informação ou o entretenimento.

Como a junção entre informação e entretenimento deu origem ao termo infotenimento, optou-se neste trabalho por separar o termo, devolvendo o sentido das

palavras originais. Depois disso, coube, dentro da pesquisa, atribuir valores notícia para cada uma das partes.

Para informação foram atribuídos os valores relevância, notabilidade, infração e simplificação (Traquina, 2005, p.80-91). Já para entretenimento, foram inseridos visualidade (Alves, 2018, p. 495), personalização (Lage, 2001, p.67/ Alves, 2018, p.492/ Traquina, 2005, 92), dramatização (Traquina, 2005, p.93) e entretenimento (Golding e Elliott, 1979 apud Harcup e O'Neill, 2009 p.165).

Informação	Entretenimento
Relevância, notabilidade, infração, simplificação	Visualidade, personalização, dramatização, entretenimento

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 1- Grupos de valores

Os valores elencados fazem parte dos resultados de pesquisas que muitas vezes usam uma nomenclatura diferente, mas semelhante descrição. Com tantas propostas de valores, a escolha se deu a partir da reflexão de quais melhor se encaixariam para este estudo de caso, usando em alguns tópicos mais de um autor para aprofundar determinado valor.

Para o valor relevância, a atenção se voltará para a definição de Traquina, “este valor-notícia determina que a noticiabilidade tem a ver com a capacidade do acontecimento incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a nação.” (TRAQUINA, 2005, p. 80) O autor aponta também que o valor pode ser usado na construção, cabendo ao jornalista, encontrar um ‘gancho’, algo que conecte a informação com a realidade do público dando mais sentido para a notícia e significado para as pessoas.

Sobre a notabilidade, também será usado o conceito de Traquina, que de forma simples diz tratar-se da “qualidade de ser visível” (TRAQUINA, 2005, p.82). O escritor acrescenta que esse valor pode ser notado de diferentes formas, como a quantidade de pessoas envolvidas; a inversão - contrário do normal -; o insólito, a falha e o excesso, como quando o tempo vira notícia porque bateu o recorde de 40°C.

Como muitas pesquisas acadêmicas questionam se há espaço para crítica no jornalismo esportivo, como se os profissionais fechassem os olhos para os problemas que existem no meio, optou-se por inserir na lista o valor-notícia infração, que de acordo com Traquina, “refere-se sobretudo a violação, a transgressão das regras”.(TRAQUINA, 2005, p.85).

A simplificação, citada por Traquina, está ligada à necessidade de transmitir a informação da forma mais clara possível. “Os jornalistas têm a obrigação de escrever de uma forma fácil de compreender [...] tornar a notícia menos ambígua, reduzir a natureza polissêmica do acontecimento.” (TRAQUINA, 2005, p. 91)

Em programas de TV, é natural que a preocupação com a disponibilidade e qualidade das imagens. Será usado aqui a concepção de Alves, que em sua dissertação de mestrado fez uma análise dos critérios de noticiabilidade no Brasil e no mundo, tendo como corpus o jornalismo produzido para a televisão. Para a pesquisadora, o valor faz referência a “aspectos tecnológicos inseridos na construção noticiosa para despertar a atenção do público, bem como, a elementos visuais presentes durante a seleção noticiosa” (ALVES 2018, p.495).

Para a compreensão do valor personalização, será tomado como referência as observações somadas de três autores. Nilson Lage, que usa o termo ‘identificação humana’ e explica que queremos ver “gente como a gente, gente como gostaríamos de ser.” (LAGE, 2001, p.67). Alves (2018, p.492), para quem o valor se faz presente “no processo de seleção como a referência pessoas ou personalidades, bem como, no processo de construção a partir da personalização.” E Traquina, que de modo semelhante, discorre que a personalização é nada mais que “acentuar o fator pessoa”, e afirma que “estudos sobre o discurso jornalístico apontam para a importância da personalização como estratégia para agarrar o leitor porque as pessoas se interessam por outras pessoas” (TRAQUINA, 2005, p.92).

O drama é um dos valores-notícia mais recorrentes em pesquisas do tema. Na análise será usada a definição de Traquina. “Entendemos por dramatização o reforço dos aspectos mais críticos, o reforço do lado emocional, a natureza conflitual.” (TRAQUINA, 2005, p.93).

Um dos temas centrais desta pesquisa é o entretenimento, que pode ser entendido como uma prática (alguém pode desenhar, tocar um instrumento, cozinhar,

por exemplo, buscando entreter-se), um produto cultural (shows, cinema, TV, eventos esportivos, etc), ou mesmo como uma linguagem, como defende o pesquisador Vinicius Andrade Pereira (2013, p.11). “A maioria de consumidores [...] demanda o entretenimento como uma expressão permanente nas práticas comunicacionais e sociais.” Mas, nesta análise ele será enquadrado como um valor-notícia, referindo-se a conteúdos mais leves e que permitem uma abordagem mais bem humorada, como defendem autores como Harcup e O’Neill (2009), Silva (2005), Alves (2008), e Golding e Elliott (1979), estes últimos serão o referencial teórico para a observação. “Para cativar o maior público possível, os produtores de notícias deve levar em conta os valores de entretenimento que divertem ou distraem o público.” (Golding e Elliott, 1979 **apud** Harcup e O’Neill, 2009 p.165, tradução nossa)⁴.

7 ANÁLISE

Para facilitar o trabalho de análise foi criado um quadro para inserção dos dados e informações sobre o programa (ver no anexo 2). O quadro foi dividido em cinco colunas, a primeira, ‘Programa/Reportagem’, diz respeito ao número do programa, P1 para o dia 23 de agosto e P2 para o do dia 20 de setembro, e a ordem de exibição das reportagens, R1 para a primeira ao entrar no ar, R2 para a segunda, R3 para a terceira e assim consecutivamente. Na segunda coluna foi inserida a principal ‘Modalidade’ esportiva da reportagem, e na terceira, a ‘Duração’ de cada uma. Também há duas colunas que apresentam a soma dos valores encontrados dentro dos grupos ‘Informação’ e ‘Entretenimento’, conforme divisão no quadro 1. Por fim, na coluna ‘Valores Presentes’, estão o nome dos valores encontrados e que foram quantificados nas colunas anteriores.

⁴ “In order to captivate as wide an audience as possible, news producers must take account of entertainment values that amuse or divert the audience.”

7.1 APONTAMENTOS DO PROGRAMA EXIBIDO EM 23 DE AGOSTO

Na reportagem de abertura, assinada pelo repórter Clayton Conservani, sobre a história do surfista Kalani Latanzi, que se propôs a desafiar ondas gigantes apenas com nadadeiras, a personalização é nítida. O atleta é apresentado pelo repórter e por outras fontes, como alguém fora do normal. A notabilidade dos seus feitos é destacada pela grandeza e raridade.

Após a transmissão da Corrida do Milhão, da Stock Car, o terceiro bloco inicia com a matéria do jornalista José Renato Ambrósio, sobre o volante do Palmeiras, Patrick de Paula. O foco foi na notabilidade da atuação do jogador na final do Campeonato Paulista de Futebol. Na tentativa de imitar o quadro do Domingão do Faustão, 'Arquivo Confidencial', o que se viu foi entretenimento com músicas alegres e muita emoção com os relatos de amigos e familiares.

Na retrospectiva dos últimos jogos entre Santos e Palmeiras, apresentada pelo repórter Caio Maciel, também no terceiro bloco, novamente optou-se pela personalização. O roteiro foi construído em cima das confusões do atacante Ricardo Oliveira e do goleiro Fernando Praz. A visualidade da produção, que criou soluções diferentes para cobrir offs de textos que falavam das máscaras, chama atenção.

A reportagem de Sabrina Rocha, sobre a situação do futebol feminino no Brasil é séria e contundente. O drama acaba sendo inevitável, dadas as condições que as atletas enfrentam, sobretudo de escassez de apoio e recursos financeiros. Também há denúncia sobre o destino das verbas destinadas à elas.

Fechando o terceiro bloco, entra na grade o último episódio da série Artilheiros do Domingo. O repórter Régis Rosing traz um personagem que se destacou por seus gols bonitos, Baltazar, conhecido como o 'artilheiro de Deus'. Música sacra, alegria, imagens antigas e bem-humoradas garantem o entretenimento, e a presença de nomes importantes do futebol, como Zico, aumentam a notabilidade.

O quarto bloco inicia com outra série, Grandes Lutas, que apresenta novamente a personificação do herói, dessa vez, José Aldo, do UFC. Os momentos mais dramáticos da luta com Chad Mendes são lembrados. A trilha sonora e as narrações da luta aumentam a emoção. A quantidade de pessoas no evento, e a popularidade de Aldo, que passou a ser chamado de 'campeão do povo' são valores de notabilidade.

A segunda reportagem do bloco, sobre o jogo entre Internacional e Atlético Mineiro é toda contada com humor. Menos que nas reportagens anteriores, mas ainda há a personificação, nesse caso, dos técnicos. Na construção, o visual ganha alguns efeitos que ajudam na compreensão tática dos times.

No segundo episódio da série 'F1 70', que tem como personagem principal, Emerson Fittipaldi, o repórter Marcelo Courrage mergulha na história do automobilista brasileiro, com a emoção necessária para envolver, mas sem ser excessivamente dramático. O texto da reportagem permite que até os mais distantes do automobilismo possam compreender a grandeza dos feitos de Fittipaldi.

O quarto bloco é encerrado com descontração, com a reportagem de Kiko Menezes e Raphael de Angeli, que tratam da final da Champions League, focando nos jogadores Neymar e Lewandowski e o engajamento deles nas redes sociais. Informações sobre a partida ou a trajetória dos Clubes, Paris Saint-Germain e Bayern de Munique, são poucas. O uso de layouts criativos que simulam a tela de um celular também tiram a seriedade do produto.

Na volta dos comerciais é exibida a última reportagem do primeiro programa analisado. Em pouco mais de 16 minutos o repórter Guilherme Pereira apresenta um caso de denúncias de racismo e assédio moral na ginástica do Clube Pinheiros. Há infração, notabilidade, clareza, drama, e personalização, com o atleta Angelo Assunção, no centro da trama. Os recursos visuais, como quando são citados os documentos, e as linhas aparecem ampliadas, ajudam na compreensão do caso.

7.2 APONTAMENTOS DO PROGRAMA EXIBIDO EM 20 DE SETEMBRO

O segundo programa também começa com o surf, nesse caso, com o feito notável de Maya Gabeira, que em 2020 surfou a onda mais alta do mundo. A repórter e âncora do Esporte Espetacular, Bárbara Coelho, utiliza-se de linguagem simples e diversos artifícios para que o público possa compreender o fato, como gráficos e desenhos que comparam a altura da onda com monumentos conhecidos.

Na entrada do segundo bloco, ao falar sobre a quase transferência do jogador Thiago Neves para o Clube Atlético Mineiro, que acabou por não se concretizar, Lucas Gutierrez, âncora e repórter abusa do humor e recursos visuais. No resgate histórico

que faz de outros casos parecidos, cita grandes nomes de jogadores e clubes, trabalhando com a personalização e dramatização.

O curioso caso do jogador Daniel Guedes, que foi pego no doping por beber suco de graviola, é tratado por Renato Peters com seriedade. Apesar de inusitada, a história torna-se compreensível por meio de uma construção detalhada do caso, que vai além da condenação injusta de um atleta, já que à partir da história de Daniel, a Agência Mundial Antidoping (WADA) decidiu rever suas normas.

Também no segundo bloco, ao contar a história do encontro de Mizael Conrado com Lionel Messi, a repórter Gabriela Ribeiro cria sentidos que podem ser relevantes para diferentes públicos, principalmente, para outras pessoas com deficiência visual. Ao dizer que “falta de visão não significava uma vida longe da bola”, a mensagem é de que o esporte é inclusivo e é para todos.

Na sequência, o episódio da série Relíquias, que tem como protagonista a tenista Maria Esther Bueno, é notável. Um dos entrevistados, Galvão Bueno, define Maria como “a maior esportista da história do esporte brasileiro”. O aspecto visual nos mais de sete minutos é bem elaborado, com imagens antigas e entrevistas atuais.

No mesmo bloco, ao encerrar a reportagem sobre a NBA dizendo “não é apenas esporte”, Guilherme Rosenguini salienta o caráter relevante das ações dos atletas, como a contribuição à ciência, ao participarem de testes que serviram como base para descobertas importantes na luta contra a covid-19, e o engajamento na luta contra o racismo. Diferentemente das anteriores, a matéria não foca em um personagem, mas nas informações que dizem respeito à muitas pessoas.

Na reportagem sobre o técnico do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, Renato Gaúcho, o personagem tem sua imagem de ídolo do esporte ainda mais elevada. A notabilidade recaí sobre o fato de Renato estar há quase quatro anos no comando de uma mesma equipe, próximo de se tornar o técnico que mais jogos esteve à frente do clube gaúcho.

Ainda no segundo bloco, ao falar sobre a base do Palmeiras, o repórter Marco Aurelio Souza, dá bastante notabilidade para os valores financeiros envolvidos no mercado. A reportagem é leve, e a escolha de personagens populares ajuda na identificação humana.

A reportagem seguinte, sobre o atacante do Sport Club Internacional, Thiago Galhardo, que foi eleito o melhor jogador do Campeonato Brasileiro no mês de agosto é objetiva. A jornalista Alice Bastos Neves, faz um perfil breve, com os fatos mais relevantes e de superação que o atleta enfrentou.

No episódio da série “F1 70” que fala sobre a chegada das corridas no Brasil, há um reforço do lado emocional, da paixão que a modalidade despertou nos brasileiros em seus anos de glória. O piloto Emerson Fittipaldi, novamente, é o personagem de maior destaque. A personalização também é trabalhada com fãs do automobilismo, como um jornalista que cobriu centenas de corridas e colecionadores.

O clima antes da luta no UFC entre o brasileiro Borrachinha e o nigeriano Israel Adesanya é apresentado com destaque para a rivalidade, provocações e acusações trocadas pelos atletas. O fato de haver um cinturão em jogo e o histórico de grandes campeões brasileiros que marcaram a categoria dos pesos-médios aumentam a notabilidade do evento e da reportagem que fecha o segundo bloco

Para falar sobre o encerramento da carreira do surfista Adriano de Souza, o “Mineirinho”, o repórter Guilherme Pereira apostou em uma despedida carregada de emoção. Abrindo o terceiro bloco, a história do campeão mundial de surfe em 2015, é apresentada como incomum, já que ao “contrário da maioria dos surfistas”, Mineirinho teve uma infância pobre, com poucos recursos.

Na sequência, as ações de clubes de futebol da Argentina, incidindo de forma punitiva sobre seus atletas envolvidos em casos de violência contra as mulheres, apesar de ser em outro país, é aproximada do público por meio da narrativa de Raphael Sibilla. Um dos sentidos mais reforçados é de que a educação e luta contra essa violência pode transformar toda a sociedade.

A reportagem sobre o goleiro do Corinthians, Cássio, aponta para os excessos cometidos pela torcida contra o ídolo, e outros atletas que fizeram parte da história do clube. O drama é presente nos acontecimentos e também na construção da narrativa da matéria do terceiro bloco.

A maior e pior derrota do Flamengo na história das suas participações na Copa Libertadores da América, perdendo por cinco a zero para o Independiente del Vale, do Equador, é em si um grande drama. O repórter Erick Faria aproveita o

acontecimento para levantar outros problemas que rodeiam o clube, como a insatisfação com o técnico Domènec Torrent.

Ainda dentro do terceiro bloco, a história de um menino pobre, que teve uma vida difícil e conseguir tornar-se jogador profissional de futebol, não parece nova. O chamariz é o primeiro gol da carreira no Vasco, no profissional, na série A do Brasileirão. Andre Gallindo fala sobre o atleta Igor “Catatau”, com bastante destaque para as relações familiares, mas sem forçar na dramatização, e consegue inspirar com uma matéria leve.

Apesar de ter como gancho o caso de Neymar, que afirmou ser vítima de racismo em uma partida do Campeonato Francês, diversos outros casos de racismo são citados ao longo da reportagem de Raphael de Angeli. Nos relatos dos personagens e na construção do roteiro, o jornalista consegue mostrar a relevância do tema e a importância do engajamento da sociedade na causa.

A reportagem que encerra o terceiro bloco é sobre o Criança Esperança, projeto que já ajudou mais de quatro milhões de crianças pelo Brasil, incluindo alguns projetos que contam com o esporte como aliado. Ao lembrar alguns casos já contados pelo programa, Kiko Menezes destaca a relevância social do Criança Esperança e demonstra como a prática esportiva e seus principais atores podem contribuir com a sociedade.

A reportagem de encerramento é, por acaso, um encaixe perfeito de produto complementar a esta pesquisa, principalmente no que diz respeito à história da TV no Brasil, que na semana de exibição do programa, completou 70 anos. A produção visual impressiona pela criatividade, cenários e imagens antigas. No roteiro, Kiko Menezes relembra grandes personagens do telejornalismo esportivo, ídolos, e momentos que marcaram época. Uma das fontes, Tadeu Schmidt, ao falar da transformação que o quadro “Gols do Fantástico”, apresentado por ele, passou ao longo dos anos, descreve o cenário que os programas e quadros de esporte da emissora têm vivido. “A grande diferença é que além de a gente dar informação a gente quer entreter as pessoas”. (GLOBOPLAY, 2020, on-line)

7.3 DADOS

No primeiro programa, os valores da coluna “Informação” aparecem 21 vezes, enquanto a soma dos valores da coluna “Entretenimento”, marcaram 33 aparições. Em porcentagem, tem-se 39% de valores ligados ao cuidado maior com a qualidade da informação, e 61% voltados para a missão de entreter.

No segundo programa, os valores de “Informação” apareceram 49 vezes, contra 55 dos valores do quadro de “Entretenimento. A porcentagem final ficou em 47% de valores que privilegiam a informação e 53%, o entretenimento. Fazendo uma média dos dois programas, o resultado é de 43% de frequência de valores do quadro “Informação” e 57% do quadro “Entretenimento”.

Dois valores apareceram em todas as reportagens analisadas, “Simplificação”, do lado da informação e “Visualidade” do lado do entretenimento. “Notabilidade” e “Personalização” também aparecem em grande parte do conteúdo. O “Entretenimento”, que como valor, é observado no sentido principal do humor e leveza, esteve em 20 matérias, sete do primeiro programa, e 13 do segundo. “Infração” foi o que menos apareceu, cinco vezes no total, seguido por “Relevância”, encontrada oito vezes.

Em relação às modalidades esportivas, o futebol foi a principal atração dos dois programas. No programa de agosto 60% das matérias, um total de 29m60, destinaram-se ao tema. Outras esportes, como surfe, MMA, Fórmula 1 e ginástica, tiveram uma reportagem cada, o que corresponde a 10%. No programa de setembro, o futebol foi o assunto em 12 de 18 reportagens, somando 67% em um total de 56m38.

Os demais esportes registraram um total de 39m16 no ar, sendo que o surfe teve duas reportagens, e o MMA, Fórmula 1, basquete e tênis, ganharam espaço uma vez cada um. Apenas uma matéria, que falava dos 70 anos da TV no Brasil, ficou definido como modalidade “Mista”, já que não falava de apenas um esporte.

CONCLUSÃO

Com os dados coletados, conclui-se que a principal preocupação das reportagens do programa Esporte Espetacular é dar ao público o que ele quer – como

o futebol, modalidade mais popular no país -, com uma aparência que chame sua atenção e o entretenda. Por outro lado, a presença de valores-notícia aponta que não se perdeu completamente o cuidado com a função principal do jornalismo: informar com responsabilidade e ética. As matérias que apresentaram o valor “Infração”, por exemplo, são exemplos de conteúdo de interesse público e de grande relevância como racismo, assédio moral, violência contra a mulher e doping.

É improvável, porém, esperar que reportagens com esse caráter mais sério ganhem mais espaço. Apesar do desconhecimento dos contratos publicitários da empresa, é provável que fatores comerciais também interfiram no processo produtivo, já que ela depende de patrocínio, além de outros tipos de negócios de seu interesse, como direitos de transmissão de eventos esportivos e patrocinadores dos clubes. Essa presença externa está cada vez mais visível no programa, que nos últimos meses começou a exibir logomarcas no telão enquanto os âncoras estão falando. Soma-se a isso, a preocupação com a audiência, e nesse caso, por se tratar de um programa que vai ao ar no domingo perto do horário de almoço, supõe-se, que grande parte do público está em casa, em seu dia de descanso e lazer, em busca de conteúdos para toda a família e que sejam prazerosos de assistir.

Por fim, ao observar o programa e também as mudanças que aconteceram na história da editoria, fica a reflexão sobre o trabalho do jornalista esportivo, principalmente o que trabalha com audiovisual. É preciso aprender a entreter, fazendo uso de criatividade, recursos visuais, trilhas, abordagem mais humana, e eventualmente, do humor. Mas, como disse Nilson Lage (p.51), ele “não deve perder de vista os aspectos éticos do esporte, seu poder de catarse – catalisador de tensões sociais – e a finalidade educativa de sua prática, que deve voltar-se para a saúde física e mental”, além, claro, dos aspectos éticos da profissão.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. A. **Entretenimento**: valor-notícia fundamental. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v.5, n.1, p. 15-25, 2008.

AGUIAR, L. A.; SCHAUN, A. **A notícia e a lógica das sensações**: uma contribuição para as teorias do jornalismo. Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación, Quito, n.132, p. 225-243, 2016.

ALVES, J. B. **Critérios de noticiabilidade no Brasil e no mundo**. Revista Observatório, Palmas, v.4, n.4, p. 468-499, jul./set. 2018.

BEZERRA, P. R. M. **O Futebol Midiático**: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos. 2008. 153 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade Cásper Líbero, São Paulo. 2008.

CAPRARO, A. M. **Mario Filho e a "Invenção" do Jornalismo Esportivo Profissional**. Movimento, Porto Alegre, v.17, n.2, p. 213-224, 2011.

COELHO, P. V. **Jornalismo Esportivo**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2018.

ELIAS, N.; E. DUNNING. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992.

FRANÇA, R. **Ayrton Senna e a mídia esportiva**. 2006. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicações e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

GALLICA. Presse sportive. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/html/und/presse-et-revues/presse-sportive?mode=desktop>> Acesso em: 19 de nov. 2020.

GLOBO, M. **Copa do Mundo do México - 1970**. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/esporte/busca/copa-do-mundo-do-mexico-1970/transmissao-e-cobertura/>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

GLOBO, M. **Esporte Espetacular**. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/esporte-espetacular/>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

GLOBO, M. **Globo Esporte**. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globo-esporte/evolucao/6944249/>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

GLOBO, M. **Grande Resenha Facilit**. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/grande-resenha-facit/>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

GLOBOPLAY. **Esporte Espetacular**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8871841/programa/?s=00s>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

GURGEL, A. **Desafios do Jornalismo na era dos megaevetos esportivos**. Motrivivência, n.32/33, p. 193-210, jun./dez. 2009.

GONÇALVES, M.C.A.; CAMARGO, V.R.T. **A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re) contada através da literatura.**In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 5, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1815-2.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

HARCUP, T.; O'NEILL, D. News Values and Selectivity. In: JORGENSEN, W. K. et al. **The handbook of journalism studies.** Nova York e Londres: Routledge, 2009, p.161-174.

IBGE. **PNAD Contínua TIC 2018: Internet chega a 79,1% dos domicílios do país.** 2020. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-do-pais>>. Acesso em: 20 nov.2020.

LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia.** 3. ed. Florianópolis:Insular, 2001.

LAGE, N. **Teorias e técnicas da reportagem, entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2009.

LAURINDO, A. T. A., DAMACENA, S. **O Jornalismo e a Literatura em Olga.** Revista Científica Unilago. São José do Rio Preto, v.1, n.1, p. 1-15, 2015

OSELAME, M. C. **Fim da notícia: O “engraçadismo” no campo do jornalismo esportivo de televisão.** 2012. 152 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2012.

OSELAME, M. C.; C. F. Costa. **Entre a Notícia e a Diversão: Um Retrato do Jornalismo Esportivo de Televisão.** In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 34, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: Intercom, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1657-1.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

OSELAME, M.; FINGER, C. **Futebolização do Esporte na Televisão: compromisso com o jornalismo ou com os números de audiência?.** Estudo em Jornalismo e Mídia. Florianópolis, v.11, n.2, p.459-471, 214.

PADEIRO, C. H. S. **A espetacularização do esporte e o infotenimento no jornalismo esportivo: o Globo Esporte (TV) e o UOL Esporte durante a Copa do Mundo de 2014.** Revista Alterjor, v.2, n.10, p. 143-158, jul./dez. 2014.

PADEIRO, C. H. S. **O predomínio do entretenimento no jornalismo esportivo para promoção de grandes eventos: o Globo Esporte/SP e o Caderno de Esportes.** Leituras do Jornalismo.Bauru, v.2, n.4, p. 166-180, jul./dez. 2015.

PATERNOSTRO, V. I. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PEREIRA, V. A. Entretenimento como Linguagem e Multissensorialidade na Comunicação Contemporânea. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 36, Manaus. **Anais eletrônicos...** Manaus: Intercom, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1691-1.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2020.

REIMÃO, S. (Org.). A inauguração da televisão no Brasil. In: REIMÃO, Sandra (Org.) et al. **Em Instantes: notas sobre programas na TV brasileira**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. p. 15-25.

ROCCO JUNIOR, A.J.; BELMONTE, W.B. **Da informação ao entretenimento: análise do jornalismo esportivo brasileiro pela trajetória histórica da Revista Placar**. In: XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 19, Vila Velha. **Anais...** Vila Velha: Intercom, 2014.

RUBIO K. **Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.24, n.1, p.55-68, jan./mar. 2010.

SILVA, F. M. **Jornalismo esportivo como área específica na televisão: O pacto sobre o papel do jornalismo no Globo Esporte e Bate-Bola**. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 18, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1509-1.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SILVA, G. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v.2, n.1, p. 95-107, jan. 2005.

SILVA, C. V; KÜNSCH, D. A. **A palavra que cura, a narrativa e o jornalismo interpretativo**. Líbero, São Paulo, v.18, n.36, p. 15-16, jul./dez. 2015.

STYCER. M. J. **Jornalismo Esportivo: 110 Anos Sob Pressão** (Uma história de acusações de sensacionalismo, suborno, invenção de notícias e relações promíscuas com fontes e anunciantes). In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 15, Santos. **Anais eletrônicos...** Santos: Intercom, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2356-1.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

TAMBUCCI. P. P. **China e Olimpíadas– a construção das imagens pelo discurso telejornalístico**. 2011. 68 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2011.

TEMER, A. C. P.; MONTEIRO, C. G. Década de 1970: consolidação da liderança da Rede Globo. In: REIMÃO, Sandra (Org.) et al. **Em Instantes: notas sobre programas**

na TV brasileira. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. p. 15-25.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TRESCA, L. C. **Gênero Informativo no Jornalismo Impresso**: O estado da arte no Brasil. In: V Congresso Nacional de História da Mídia, 5, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0146-1.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2020.

VASCONCELOS, P. P. O. **“VEM COM A GENTE NA HASHTAG”**: por um modelo da participação do espectador em programas televisivos sobre futebol. 2019. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

WOLF, M. & de Figueiredo, M. J. V. **Teorias da Comunicação**. 8. ed. Lisboa: Presença, 2006.

ANEXO A - Tabela de análise das reportagens do GE

Programa/ Reportagem	Modalidade	Duração	Informação	Entretenimento	Valores presentes
P.1/ R.1	Surfe	05m06	2	4	Notabilidade, Simplificação, Visualidade, Personificação, Dramatização e Entretenimento
P.1/ R.2	Futebol	06m08	2	4	Notabilidade, Simplificação, Visualidade, Personificação, Dramatização e Entretenimento
P.1/ R.3	Futebol	04m01	1	3	Simplificação, Visualidade, Personificação e Entretenimento
P.1/ R.4	Futebol	04h40	3	3	Notabilidade, Simplificação, Infração, Visualidade, Personificação e Dramatização
P.1/ R.5	Futebol	05m00	2	3	Notabilidade, Simplificação, Visualidade, Personificação, e Entretenimento
P.1/ R.6	MMA	08h30	2	4	Notabilidade, Simplificação, Visualidade, Personificação, Dramatização e Entretenimento
P.1/ R.7	Futebol	03m02	1	3	Simplificação, Visualidade, Personificação e Entretenimento
P.1/ R.8	F1	08m23	2	3	Notabilidade, Simplificação, Visualidade, Personificação e Dramatização
P.1/ R.9	Futebol	07m09	2	3	Notabilidade, Simplificação, Visualidade, Personificação, e Entretenimento
P.1/ R.10	Ginástica	16m24	4	3	Notabilidade, Simplificação, Relevância, Infração, Visualidade, Personificação e Dramatização
P.2/R.1	Surf	05m01	3	3	Notabilidade, Simplificação, Visualidade, Personificação e Dramatização
P.2/R.2	Futebol	03m32	2	3	Notabilidade, Simplificação, Visualidade, Personificação e Dramatização e Entretenimento
P.2/R.3	Futebol	06m24	4	3	Notabilidade, Simplificação, Relevância, Infração, Visualidade, Personificação e Dramatização
P.2/R.4	Futebol	04m19	3	3	Notabilidade, Simplificação, Relevância, Visualidade, Personificação e Dramatização
P.2/R.5	Tênis	07m27	2	4	Notabilidade, Simplificação,

					Visualidade, Personificação, Dramatização e Entretenimento
P.2/R.6	Basquete	08m50	3	2	Notabilidade, Simplificação, Relevância, Visualidade e Dramatização
P.2/R.7	Futebol	05m12	2	4	Notabilidade, Simplificação, Visualidade, Personalização, Dramatização, Entretenimento
P.2/R.8	Futebol	06m05	2	3	Notabilidade, Simplificação, Visualidade, Personalização, Entretenimento
P.2/R.9	Futebol	04m00	2	3	Notabilidade, Simplificação, Visualidade, Personalização e Dramatização
P.2/R.10	F1	08m11	2	3	Notabilidade, Simplificação, Visualidade, Personalização e Dramatização
P.2/R.11	MMA	05m22	2	4	Notabilidade, Simplificação, Visualidade, Personalização, Dramatização e Entretenimento
P.2/R.12	Surf	04m25	2	3	Notabilidade, Simplificação, Visualidade, Personalização e Dramatização
P.2/R.13	Futebol	06m07	4	2	Notabilidade, Simplificação, Relevância, Infração, Visualidade e Dramatização
P.2/R.14	Futebol	05m24	2	3	Notabilidade, Simplificação, Visualidade, Personalização e Dramatização
P.2/R.15	Futebol	04m20	2	3	Notabilidade, Simplificação, Visualidade, Personificação e Dramatização
P.2/R.16	Futebol	06m00	2	4	Notabilidade, Simplificação, Visualidade, Personificação, Dramatização e Entretenimento
P.2/R.17	Futebol	10m58	4	2	Notabilidade, Simplificação, Infração, Relevância, Visualidade e Dramatização
P.2/R.18	Futebol	04m17	3	2	Notabilidade, Simplificação, Relevância, Visualidade e Dramatização
P.2/R.19	Misto	16m29	3	4	Notabilidade, Simplificação, Relevância, Visualidade, Personificação, Dramatização e Entretenimento

Fonte: Elaboração própria

Tabela 2 - Tabela de análise das reportagens do GE